



Foto: Laura Álvarez (Curaçao)

Libertat i Transformashon

13-15
JUN

Geovetenskapens
hus

ABSTRACTS ACBLPE 2017



Stockholm
University

Ett samarbete mellan Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola och Stockholms universitet

Cape Verdean and Santomean Portugueses: some facets of language contact

Nélia Alexandre, Rita Gonçalves
University of Lisbon, Center of Linguistics

Cape Verde (CV) and São Tomé and Príncipe (STP) are former Portuguese colonies which have Portuguese-related Creole languages that emerged during the 15th and 16th centuries: Capeverdean, in CV, and three Gulf of Guinea creoles, with a major role of Santome, in STP. In spite of this, Portuguese was chosen as the only official language after their independence in 1975. These historical similarities suggest convergent language contact settings (see Gonçalves 2004/2009, 2013). However, the language contact situation that characterizes these two post-colonial societies is very distinct and the linguistic products could also be dissimilar.

In CV, and according to 2010 Census, there are no true monolinguals in CV: Capeverdean is the L1 of the majority of the population and Portuguese is the L2, typically acquired in classroom contexts (after the age of 6).

Unlike CV, post-independence linguistic policies in STP have not sufficiently favored the maintenance of Gulf of Guinea Creoles or a bilingual community in STP. As a result, Portuguese is currently spoken by 91% of the population as an L1/L2 while only 34% speaks Santome.

In this talk, our goals are twofold: first, we will present a short overview of the historical and sociolinguistic situation in each country. Second, we will focus on some morphosyntactic aspects of Cape Verdean and Santomean Portugueses in order to show that there are some convergent aspects (1-2) but also some divergent issues in these two national varieties of Portuguese. Note, for instance, that CPV widely uses strong pronouns in both accusative and dative arguments, while STP prefers the dative clitic in the last context (3-4). To achieve our last goal, we will compare and discuss data from oral corpora, highlighting the impact of socio-historical factors in their grammars.

We will end up by suggesting that both convergent and devious routes are not only driven by the language contact situation but also by internal change mechanisms.

Nominal and verbal agreement

- (1) a. ... *passou com duas corda nas mão.*
b. **O sobrinho e o lobo estava plantando mandioca.** (CVP, Corpus Africa, CLUL)
- (2) a. *Pego nas minhas ferramenta.*
b. **As dificuldades não acaba.** (STP, Corpus Vapor, CLUL)

Object pronouns

- (3) a. *depois disse que eu fiz vergonha para ele, por ter tido um filho.*
b. *na altura o meu pai - eu nem, nem liguei para ele, porque o calor já estava a se sentir na ilha.* (CVP, Corpus Vapor, CLUL)
- (4) a. *Ele depois disse: se você não atacar ela, ela não ataca você.*
b. **Eu pedi-lhe que me levasse para o mercado.** (STP, Corpus Vapor, CLUL)

Harmonia vocálica parasítica nos crioulos do Golfo da Guiné

Gabriel Antunes de Araujo
Universidade de São Paulo

Manuele Bandeira
Universidade de São Paulo

Ana Livia dos Santos Agostinho
Universidade Federal de Santa Catarina

Nosso objetivo é discutir a existência de processos de harmonia vocálica (HV) no santome (ST), angolano (AN), lung'le (LI) e fa d'Ambô (FA) e no protocrioulo do Golfo da Guiné (PGG), o ancestral comum dessas línguas. Assim, a partir da descrição e análise das línguas contemporâneas e da reconstrução fonológica e lexical do PGG (Bandeira 2016) ofereceremos uma análise unificada para o fenômeno. Ademais, ao analisarmos as protoformas, mudamos o foco do estudo da HV para o ancestral linguístico imediatamente anterior e evitamos as limitações resultantes dos que consideram os itens lexicais harmônicos oriundos do português. Defenderemos a hipótese segundo a qual processos de HV parasítica (Cole & Trigo 1988) com vogais médias [ATR] em sílabas contíguas têm sua origem no protocrioulo, porém, como processo sincrônico, sua existência não pode ser defendida para todas as línguas.

A HV, nessas línguas, tem sido defendida por Ferraz (1979), para o santome; Maurer (1995), para o angolano, e Segorbe (2007), para o fa d'Ambô. Hagemeyer (2009: 36-37) sugere que um tipo de harmonia das vogais médias [ATR] pode ser encontrada nas quatro línguas. Agostinho (2014), por sua vez, afirma que não há HV no lung'le contemporâneo. Sumarizar, de forma homogênea, as características do processo de harmonia, a partir da literatura disponível tem sido um desafio. Ferraz (1979: 52) a define como uma 'tendência de a mesma vogal ocorrer em duas sílabas consecutivas dentro de um morfema'. Maurer (1995: 36) afirma que, no angolano, quando duas vogais estão contíguas numa frase, podem ocorrer fenômenos de assimilação progressiva. Segorbe (2007: 63), por seu turno, define a assimilação vocálica como um processo no qual segmentos vocálicos de uma palavra podem apresentar uma mudança de 'timbre', transformando-se em outra vogal. Por fim, Hagemeyer (2009: 37) afirma que 'Claramente, o santome apresenta uma regra robusta de harmonia de vogais médias nas raízes das palavras dissilábicas pelo menos, fazendo com que vogais médias abertas e fechadas jamais co-ocorram nesses casos.'

Dessa forma, pretendemos testar o que os parâmetros fonológicos relacionados à HV na literatura (elemento engatilhador, alvo, domínio, direção de aplicação e elemento de bloqueio) revelam sobre o processo no protocrioulo e nas línguas contemporâneas, a partir dos reflexos lexicais de um conjunto de cognatos nas línguas-filhas e de suas protoformas. Ao mesmo tempo, é incomum encontrar na literatura análises sobre outros processos fonológicos cujos resultados se assemelham a formas harmônicas, mas que deveriam ser descartados, como será demonstrado.

Macanese negation in comparative perspective: focus on *nunca*

Giorgio Francesco Arcodia
University of Milano-Bicocca

Macanese, or *Maquista*, the near-extinct Portuguese creole of Macao, is an Asian Portuguese variety closely related to Malaccan *papia kristang* (Baxter 1996; Pinharanda Nunes 2012). In this paper, I argue that a distinctive feature of Macanese *vis-à-vis* other Asian Portuguese Creoles, especially Kristang, is its system of negation; specifically, its usage of the negator *nunca*.

A negator deriving from Portuguese *nunca* ‘never’ is attested in several Asian Portuguese Creoles. While its usage varies considerably, one of its features is that it negates states of affairs in the past, as e.g. Malabar *nuka* (Krajinović 2015: 53), or in the past and present, as in Kristang *ńgka/nungka* (Baxter 1988: 138); Macanese *nunca* is either seen as a negator for the past (Dos Santos Ferreira 1978), or for both past and present (Pinharanda Nunes 2011). These negators are generally opposed to forms deriving from Portuguese *não há-de* ‘shall not’ (Ansaldó & Cardoso 2009: 4), as e.g. Macanese and Kristang *nadi*, negators for future/irrealis states of affairs (Baxter 1988: 141; Dos Santos Ferreira 1978: 30). Compare the following Macanese examples:

- (1) *acunga noite, eu nunca vai*
that night 1SG NEG go
‘On that night, I didn’t go’ (Pinharanda Nunes 2011: 379)
- (2) *iou nádi vai co vós*
1SG NEG go with 2SG
‘I won’t go with you’ (Dos Santos Ferreira 1978: 30)

In this paper I argue that, apart from the above, Macanese *nunca* is also used as a negator for adjectival and nominal predicates, with or without the copula *sã*, independently from time reference and from the realis/irrealis distinction. See e.g. (3), in which the state of affairs negated is located in the future, in an irrealis context, but yet *nunca* rather than *nádi* is used:

- (3) *quando nom tem mar, certo já nunca sam praia*
when NEG be sea sure already NEG COP beach
‘when there is no sea, it sure won’t be a beach’ (Pereira, 1899-1901)

I will show that the use of a form deriving from *nunca* in this function is attested since the earliest documents in a Macanese variety, the so-called Macau Pidgin Portuguese (Li & Matthews 2016), and I will discuss further changes in the use of this negator following the decreolisation of Macanese in the 20th century.

The main data for this research come from three sources: (a) the *Ta-Ssi-Yang-Kuo*, a XIXth century Portuguese magazine on the Far East, containing texts in (a form of) Macanese; (b) the prose works by Dos Santos Ferreira; and (c) a corpus of contemporary spoken Macanese (Pinharanda Nunes 2007).

Spanish borrowings in New Mexico English: vestige of heritage language?

Alicia Assini

University of Texas at Austin

The history and presence of the Spanish language is deeply embedded in the state of New Mexico, and as of 2012 47% of New Mexicans self-identified as Hispanic/Latino (Pew Hispanic Center, 2012). While there are numerous studies on the influence of English in New Mexico Spanish (Bills, 1997; Bills and Vigil, 2008), there are no studies that consider the effects of Spanish on English in the region. While contact effects are typically fewer for the dominant language, the length of contact between these languages makes New Mexico a unique context to study Spanish lexical influence on English. Thus, considering only the English lexicon of New Mexicans, the main objective of this study is to assess how age, gender, ethnicity, generational ties to New Mexico, and exposure to Spanish, affect participants' usage of thirty-seven Spanish borrowings, such as *mitotero* and *órale*, for example.

This study follows a methodology similar to that of Benor's (2010, 2011) linguistic study analyzing the use of Hebrew, Yiddish, and Aramaic borrowings in the Jewish-American English Repertoire. This study implements Haugen's (1950) definition of the term *borrowing* that it is any non-English word, discourse marker, or interjection. While sociolinguistic interviews and ethnographic studies are considered the gold standard for sociolinguistic research, surveys have proven fruitful for lexical studies (e.g. Dubois and Melançon, 1997; Chambers, 1998; Dubois and Horvath, 1999; Boberg, 2005). This study is conducted via a large-scale online survey in Qualtrics. Such method allows for data to be collected from a diverse sampling of residents from across the state (N=202). For the 37 borrowings, participants are asked if they recognize and/or use each borrowing, and with whom. Descriptive and inferential statistics are conducted using Qualtrics and R. Additional analyses on individual words will be conducted to explore the unique patterns of usage, demonstrating that some Spanish borrowings have become more embedded in New Mexico English than others. Preliminary results show that generational heritage to New Mexico and self-identified ethnicity are statistically significant predictors of recognition and usage of these Spanish borrowings in English. I predict that further analysis will show Spanish as a heritage language and exposure to Spanish in the community and workplace will also be significant predictors. This study contributes to research of Spanish and English contact in the United States (Eckert 2008, Hill 1993, Mendoza-Denton 2011, Zentella 1994).

A nasalidade vocálica no português vernacular santomense

Amanda Macedo Balduino, Gabriel Antunes de Araujo

Universidade de São Paulo

O português vernacular santomense (PVS) é uma variedade africana da língua portuguesa falada em São Tomé e Príncipe (PST) com características próprias (FIGUEIREDO, 2010; GONÇALVES, 2010; CHRISTOFOLETTI, 2013). O objetivo desse trabalho é (i) descrever e propor uma análise fonológica para a nasalidade contrastiva no PVS e (ii) realizar uma comparação do mesmo fenômeno o santome e o lung'le, línguas locais, e comparar os resultados

com os estudos congêneres na literatura sobre o português europeu (PE) e o brasileiro (PB). Baseados em métodos experimentais com ênfase na fonologia de laboratório (OHALA, 1995), foi constituído um *corpus* gravado contendo 50 pares mínimos e análogos, gravados na cidade de São Tomé e em Santo Antônio do Príncipe. Os itens lexicais analisados apresentavam oposição entre a vogal oral (V) e a vogal nasal/nasalisada (Ṽ), como é o caso de **baba** ['babə] x **bamba** ['bẽbə] e foram gravados em frases-veículos como **Eu falo X baixinho** ou **Eu falo X**, onde X era substituído pela palavra-alvo. Por meio da contraposição dos itens lexicais, extraiu-se, através do *software Praat* (BOERSMA & WEENICK 2015), as durações em milissegundos das vogais orais e nasais/nasalisadas. Em linhas gerais, a análise dos dados, baseada em critérios fonológicos segmentais e suprasegmentais como o acento lexical e a coarticulação com a oclusiva seguinte, indicou que vogal nasal/nasalisada é, em média, 34% mais longa em relação à vogal oral. Considerando o alongamento da vogal nasal/nasalisada como um indício da estrutura bifonêmica da nasalidade para o PB (MORAES & WETZELS 1992), esse alongamento médio nos permite tratar o fenômeno da nasalidade vocálica em PVS como bifonêmica. Assim, a vogal nasal/nasalisada seria mais longa porque corresponderia à sequência /VN/ na representação fonológica, da mesma forma que ocorre em PB, PE e no santome (CÂMARA-JR, 1970; MORAES & WETZELS, 1992; MATEUS & D'ANDRADE, 2000; BALDUINO *et al.*, 2015), sendo a nasalidade da vogal nasal/nasalisada resultado do apagamento da consoante /N/ em coda e o consequente espraçamento do traço [+NASAL] para a vogal antecedente na camada CV (GOLDSMITH, 1976; CLEMENTS & KEYSER, 1983). Tal resultado, além de expandir o conhecimento linguístico acerca do PVS, pode contribuir com a descrição e documentação de mais uma variedade africana da língua portuguesa e para a compreensão do fenômeno da nasalidade no PB e no PE.

**The vitality of Angolar and Forro:
language, race and power ideologies in São Tomé**

Marie-Eve Bouchard
New York University

This presentation focuses on the vitality of Forro and Angolar, two creoles spoken in São Tomé. São Tomé and Príncipe is characterized by its great linguistic diversity, and has been called a “labyrinth and laboratory of languages” (translated from Hagemeijer forthcoming). The official language of the country is Portuguese; it coexists with three local creole languages, Forro, Angolar, and Lung’ie, as well as the Tonga language (a restructured Portuguese, cf. Lorenzino 2015), and Cape Verdean creole. Portuguese and the local creoles were for many decades in a diglossic situation that favored the maintenance of the creoles. However, in the twentieth century, Portuguese came into more widespread use, mostly because it was a symbol of socioeconomic ascension and the language of schooling. As a consequence, a process of linguistic shift is underway. Children are growing up with the local variety of Portuguese as their first language. According to the 2012 census, 98.4% of the population reported speaking Portuguese, 36.2% reported speaking Forro and 6.6% Angolar (INE 2012). However, while Forro is receding, Angolar is still vigorous (INE 2003, INE 2012, Lewis et al. 2016).

The objective of this paper is to examine the social and ideological phenomena that explain linguistic choices in São Tomé, and to discuss the vitality of Forro and Angolar. The study is

based on questionnaires answered by eighty-six high schoolers from São Tomé and São João dos Angolares, and on sociolinguistic interviews conducted with seventy-eight Santomeans between the ages of twelve and seventy-three.

Results show that ideologies from both ethnic groups regarding languages are similar: most participants value their local creole, and underestimate their local variety of Portuguese compared to European Portuguese. Explanations for the difference of vitality between Forro and Angolar was therefore not found in language ideologies, but rather in race and power ideologies constructed since colonial times. Forros have considered themselves to be superior, thanks to their mixed-race ancestry stemming from colonial cohabitation between Europeans and Africans. To them, their origin legitimizes their higher status in society, as well as their political and economic power. Portuguese is the language they have used to distance themselves from other Santomean ethnic groups and to “move closer” to Europe, which explains the receding of Forro. Angolares are considered by Forros to be “more African”, inferior and primitive; they have a stronger creole identity and remain attached to their native language regardless of the importance of Portuguese.

Róticos em duas variedades africanas do português

Silvia Figueiredo Brandão

Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq/FAPERJ

Alessandra de Paula

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Em São Tomé e em Moçambique, o Português é a única língua oficial. No entanto, enquanto na primeira dessas áreas o Português é a língua dominante, falada por 98,4% da população, com ela coexistindo o Forro – com 36,3% de utentes – e três outros crioulos de base portuguesa, na segunda, apenas 6,5% dos habitantes o têm como L1, sendo faladas mais de vinte línguas, embora mesmo a de maior número de falantes, o Macua, seja usada apenas por cerca de 26,3% da população (Gonçalves, 2010: 25-26).

Neste estudo piloto, realizado segundo os princípios da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich; Labov; Herzog, 1968), focalizam-se os róticos em contexto pré-vocálico nas variedades urbanas do Português de São Tomé (PST) e do Português de Moçambique, com o objetivo de testar a hipótese de que as divergências e a instabilidade registradas na produção dos róticos em relação ao Português Europeu (PE), que constitui sua norma de referência, se deve à situação multilingüística predominante nessas áreas.

Fundamentam esta hipótese as observações de Ferraz (1979) sobre a constituição do Forro e as de Clements (2014) relativas ao estatuto do R [+ant] e do R [-ant] em crioulos de base ibérica. Além dessas evidências, Brandão (2016) demonstra que, na variedade urbana do PST, embora se produzam variantes encontradas no PE, não se faz a oposição entre um R [+ant] e um R [-ant] em contexto intervocálico, que caracteriza o sistema fonológico do PE e do Português do Brasil. Do mesmo modo, em outros contextos pré-vocálicos, em que esses dois fonemas se neutralizam, a

instabilidade de pronúncia é constante, predominando o tepe, também diferentemente do que ocorre nas duas últimas mencionadas variedades.

Na análise, consideraram-se doze informantes, entre 18 e 35 anos, seis santomenses e seis moçambicanos, distribuídos por sexo e três níveis de escolaridade (fundamental, médio e superior). Levaram-se em conta, no caso de Moçambique, outra(s) língua(s) falada(s) pelos informantes e, no de São Tomé, a frequência média de uso do Forro. Constituíram-se quatro amostras, referentes, no contexto intervocálico, ao R “fraco”, como em *caro*, e ao R forte, como em *carro*; e, no contexto pré-vocálico, ao R em início e meio de vocábulo (como *roça*, *honra*) e em *onset* complexo (como em *prova*), controlando-se, variáveis de cunho social e estrutural.

Os resultados preliminares sugerem que, em ambas as áreas, o contato com outras línguas está na base da instabilidade no uso dos róticos.

The diachrony of causal subordinators in Southern Indo-Portuguese creoles

Hugo C. Cardoso
Universidade de Lisboa

The southern varieties of Indo-Portuguese (Southern India and Sri Lanka), make use of a morpheme which can occur with a phrase or clause to indicate the cause in a causal relation:

- (1) a. [Cannanore Creole, elicited data; Cardoso 2006-2015]
æli-pærv unga bicycle kerv, akə-suydɐ yo lo-pidi da
3s.m-OBL one bicycle want DEM-CAUS 1s IRR-buy give
‘He wants/needs a bicycle, because of that [i.e., therefore] I’ll buy him one.’
- b. [Cannanore Creole, elicited data; Cardoso 2006-2015]
æli-kə bombə rayvɐ je-fikɐ nos figə jə-kumɐ suydɐ
3s.m-OBL much anger PST-become 1p banana PST-eat CAUS
‘He was very angry because we ate the bananas.’

As seen in (1), in the modern Malabar creoles, the marker takes the form *suydɐ*, which can be interpreted as being composed of genitive case-marker *-sə* plus a causal morpheme *-(w)yɔdɐ*, and is strictly postposed to the causal phrase/clause. In modern Sri Lanka Portuguese, the form is *wi:də/viida*, which reflects only the second element:

- (2) a. [Batticaloa Creole; Smith 1977: 150]
əkə wi:də etus wærñə-ntu na:-pəpiya:
DEM CAUS 3p shyness-LOC NEG.FUT-talk
‘Therefore, in shyness, they won’t talk.’
- b. [Batticaloa Creole; Smith 1977: 163]
ja:-fəla: wi:də me: ja:-wi: istə:ndə
PST-tell CAUS EMPH PST-come this.way
‘It is precisely because he told me that [I] came over here.’

In earlier accounts of Ceylon (Sri Lanka) Portuguese, the morpheme occurs as *vide*, *vidè* or *videque* but precedes the causal phrase/clause (see e.g. Mello 1998). Elsewhere in Asia, Schuchardt's (1890) Batavia and Tugu Creole corpus also records the causal morphemes *perbida* and (*aka*) *bida* (see Maurer 2011:146). In the Atlantic sphere, cognate causal conjunctions/adpositions – with the forms *pa via/pa bia/pabia (di)* or *pôvya* – have also been identified in the Upper Guinea and Gulf of Guinea Creoles, as well as Papiamentu (see Jacobs 2012:111-112 for an overview).

The origin of these markers lies in Portuguese *por via de* ‘by way of’, a prepositional complex which is still current, though not the unmarked option, to flag a causal adjunct. Here, we survey the occurrence of causal *por via (de)* in (Early) Modern Portuguese texts to support this etymological scenario. In addition, we explore the diachronic significance of the current forms of the causal morphemes in the Southern Indo-Portuguese creoles, considering that, currently, these languages are strictly postpositional and yet *wi:də* and *suydɐ* preserve the etymological genitive preposition *de* – in crystallized form, as shown by the fact that, in *suydɐ*, the corresponding Creole postposition *-sə* is necessary.

Language typology and algorithms used to determine language groupings

J. Clancy Clements, Dylan Jarrett, Fernando Melero-García
Indiana University – Bloomington

One question of perennial debate in contact linguistics is whether pidgins and creoles (P&Cs) cluster as a type in linguistic typological terms. McWhorter (most recently 2011) has argued that P&Cs can be defined by using a limited set of traits. This research strand has had problems, but has also generated considerable discussion and a refinement of the approach, to be found in work by researchers such as Good (2012), who views P&Cs, as a set, syntagmatically within the expected range of variation but paradigmatically patterning as a type. The second strand of research grew out of the first, developed by a number of researchers (e.g. Bakker et. al [2011], Daval-Markussen [2015], Parkvall [2008], among others), who have applied the split tree algorithm (phylogenetic trees developed for biology) to linguistic forms and structures gleaned from online data bases such as the *WALS* and *APiCs*. The advantage of this research is that it deals with a large number of languages and features, but one considerable disadvantage has been that the individual features making up the feature cluster that distinguish P&Cs from non-P&Cs cannot not been identified. In this paper, we apply a decision tree learning algorithm to a representative sampling of P&Cs, a group of lexifier languages, and a group non-P&C languages. Specifically, we use a random forests approach to our data set in order to identify what feature or sets of features are responsible for typological clustering. So far, the features identified as responsible for typological clustering in our samples are ways of marking grammatical features (tense and person marking). The differential marking of grammatical features follows from Good's (2012) finding that paradigmatically P&Cs are different but that syntagmatically they are not distinct.

Ideofones em Santome

Patrícia Pardal da Costa

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL)

O objetivo deste estudo é apresentar a descrição e análise das propriedades estruturais (sintáticas, morfofonológicas e semântico-pragmáticas) que permitem distinguir os ideofones em Santome, um dos crioulos de base lexical portuguesa falado na ilha de São Tomé. A existência e produtividade da classe dos ideofones nesta língua foi inicialmente referenciada nos trabalhos seminais de Valkhoff (1966) e de Ferraz (1979), no entanto, só com a publicação do dicionário de Araújo & Hagemeyer (2013) e a disponibilização em linha do Corpus Santome (2014), foi possível o agrupamento de aproximadamente uma centena de ideofones. Tendo como ponto de partida as considerações e dados presentes nestes estudos e a assunção de que os ideofones (também denominados ‘mimetics’ ou ‘expressives’) constituem uma classe de palavras expressivas e performativas que partilham um elenco de propriedades prototípicas mais ou menos marcadas (Voeltz & Kilian-Hatz 2001; Childs 1994; Dingemans 2011), em Costa (no prelo) procurou-se desenvolver uma análise e discussão mais detalhada acerca das propriedades estruturais que caracterizam os ideofones em Santome. Os resultados permitiram concluir que a propriedade mais extensível, i.e., que se aplica a todo o inventário ideofónico, consiste na relação que estes elementos estabelecem com uma base lexical pré-determinada (ADJ, V, N ou PREP): ideofones integram exclusivamente unidades lexicalizadas, cujo comportamento formal e semântico é tendencialmente unitário, e.g. *blanku fenene* ‘branquíssimo’, *doxi menemene* ‘dulcíssimo’, *tlemê tatata* ‘tiritar’, *xê vu* ‘aparecer/desaparecer repentinamente’, *kebla winiwini* ‘partir aos pedacinhos’

No que diz respeito às propriedades morfofonológicas, destacam-se os padrões de proeminência prosódica variáveis quer no interior de cada formato, quer entre diferentes realizações do mesmo alvo ideofónico e a manipulação expressiva do alongamento vocálico, propriedade exclusiva e obrigatória na produção de um subconjunto de ideofones (e.g. *da son* [dĩ:] ‘cair estatelado’, *mulatu* [fẽ:] ‘mulato branco/pálido’, *pya* [sũ:] ‘olhar fixamente de modo continuado’). 69% dos ideofones apresenta formatos inerentemente reduplicados, i.e., constituídos por repetições fossilizadas de sílabas ou dissílabos, cuja contrapartida não reduplicada é inexistente e agramatical (**mene* > *menemene*).

Em termos semânticos, observa-se que os significados dos ideofones e das respetivas bases remetem para conceções mais figuradas e que o ideofone é o elemento que pode sugerir, representar ou evocar aspetos (geralmente, sensoriais ou suprassensoriais) do evento ou estado a que as unidades se referem. Alguns ideofones destacam-se inclusivamente por manipular tipos de iconicidade (*Imagic*, *Gestalt* e relativa), relacionando mais ou menos diretamente os seus formatos aos significados que veiculam.

Socio-historical context and the Iberian lexifier contact varieties of the colonial era

Nicholas Faraclas
and other members of the Research Group on the Role of Marginalized Peoples
in the Emergence of Creole Languages
Universidad de Puerto Rico, Río Piedras

Among all of the contact varieties that emerged during the colonial era, the Iberian lexifier Creoles and other Iberian lexifier contact varieties show the greatest diversity in terms of the level of restructuring that they have undergone. This is not surprising, given the fact that among all of the contact varieties that can be traced back to European expansion from the 15th century onward, the Iberian lexifier varieties are those that emerged from the most diverse array of socio-historical contexts, as noted and documented in a preliminary way in the work of Vergne, Haynes, Ursulin Mopsus, Gonzalez Cotto, Gonzalez Lopez, Delgado, Lao, Albert, Crespo, Rodriguez and Faraclas (2011).

In this presentation, we build on the work of Vergne et al. cited above to show how the diversity among the different societies on the shores of the Atlantic, Indian and Pacific Oceans which gave rise to the Iberian lexifier contact varieties can help account for the varying levels of restructuring that they exhibit in a unified way. To accomplish this objective, we use evidence from historical research not mentioned in the work of Vergne et al. such as that undertaken by A.R. Disney (2009) in order to assemble a detailed body of data on the basis of which we measure the extent to which each member of a diverse set of societies from which Iberian lexifier contact varieties emerged manifested each of a unified set of social, demographic, economic, ideological and political conditions. We then correlate these detailed socio-historical results for each contact society with the level of linguistic restructuring undergone by the contact variety that emerged there.

On the basis of this analysis, we demonstrate that, despite the diversity to be found among them in terms of context and restructuring, it is possible to discern commonalities and relationships between social and linguistic outcomes that are shared not only by these Iberian lexifier varieties, but also by their English, French, and Dutch lexifier counterparts throughout the world.

Los primeros textos en chabacano de Zamboanga

Mauro Fernández
Universidad de A Coruña

Se han publicado recientemente (o se publicarán en breve) una serie de textos en chabacano y otras variedades de contacto del español en Filipinas, algunos rigurosamente inéditos, y otros desconocidos porque no habían circulado en medios académicos. Se trata de textos que constituyen las muestras más antiguas –al menos por ahora– que han sido halladas del pidgin chino-español de Manila (Fernández, en prensa), del chabacano de Manila (Fernández & Sippola, en prensa) y del chabacano de Cotabato (Fernández 2012, 2013).

En lo que respecta al chabacano de Zamboanga, el texto más antiguo que hemos podido localizar es una carta del superior de la misión jesuítica de Zamboanga, Francisco Xavier Baranera a Hugo Schuchardt, en la que ejemplifica el español de la ciudad mediante una reproducción –bastante imperfecta en nuestra opinión-- de una contienda entre chiquillos, en 114 palabras (Fernández 2014). Existe otro texto algo posterior, de considerable extensión y mucho más logrado, tanto situacional como lingüísticamente. Se trata de un diálogo de 1563 palabras, en el que intervienen doce personajes. Fue compuesto en 1901, como parte de un volumen que querían presentar los jesuitas en la sección filipina de la Exposición Universal que tuvo lugar en Saint Louis (Missouri, Estados Unidos) en 1904, para conmemorar el centenario de la compra de Louisiana. El manuscrito, inédito, se titula “Infieles de Mindanao, Basilan y Joló”. El objetivo de esta ponencia es presentar y analizar este texto imprescindible y compararlo con la muestra algo anterior del padre Baranera. También se comentará la reacción de un joven hablante nativo ante este texto y se comparará con la que experimentó el autor de la ponencia cuando lo halló.

African and Sephardic linguistic agencies in the formation of Papiamentu

Shirley Freitas

UNILAB – Campus dos Malês, Brazil

In this presentation, we propose a hypothesis considering fundamental the joint linguistic agency of Cape Verdeans and Sephardic Jews and their slaves for the genesis and development of Papiamentu. Regarding the formation of Papiamentu, there are at least four different hypotheses. Maduro (1965), Rona (1970) and Munteanu (1996), for example, argue that Papiamentu is a Spanish-based Creole and that its Portuguese elements were later introduced by Sephardic Jews and their slaves. On the other hand, Lenz (1928) and Martinus (1996) consider Papiamentu the result of a relexification of a Creole or an African-Portuguese Proto-Creole language spoken by the slaves brought from Africa. According to Goodman (1996 [1987]) and Smith (1999), Papiamentu emerged from a Judeo-Portuguese ‘dialect’ of the Sephardic community and its slaves. Finally, Jacobs (2012) considers that Papiamentu originated from the Creole spoken on Santiago, in the Cape Verde Islands, and was later taken to Curacao. By analyzing the hypotheses, it was observed that two of them present arguments and linguistic facts capable of being evidenced: relations with Cape Verdean Creole and the role of Sephardic Jews and their slaves. In order to decide between these two hypotheses, lexical and functional items of the eighteenth and nineteenth-century varieties of Classic Papiamentu, Classic Cape Verdean Creole and Sephardic Papiamentu were compared, resulting in convergences at the lexical and functional levels. The large number of elements derived from Portuguese in Classic Papiamentu evidences that these items played a fundamental role in the development of the language. Besides, lexical and functional convergence cannot be explained by mere chance, confirming the linguistic kinship between Papiamentu and Cape Verdean Creole. Regarding the role of the Sephardic community and its slaves, it was observed that the linguistic expression of Jews was also part of the overall structure of Papiamentu. Given this documentation, choosing a single hypothesis would result in a partial picture. Then, it is necessary to postulate a *convergence of hypotheses*. Within this perspective, it is important to consider that, in contact situations, languages continue to influence each other over time (Perini-Santos, 2015), requiring therefore an analysis that favors agency on the part of speakers of different languages in different synchronies. Thus, following Faraclas *et al.* (2014), a convergence of linguistic elements of Cape Verdean and of the language

of Sephardic Jews and their slaves must be considered in studies on the formation and development of Papiamentu.

Vocalismo postônico não final no Português de São Tomé

Danielle Gomes

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Nesta apresentação, focalizam-se aspectos relativos ao sistema vocálico átono de uma variedade africana do Português: o Português de São Tomé. Em um momento inicial, busca-se descrever a constituição do vocalismo postônico não final da variedade são tomense, com foco na identificação dos elementos vocálicos que constituem o sistema átono não final da variedade. Em uma etapa posterior, observa-se a atuação da regra de apagamento da vogal postônica não final e a consequente regularização dos itens lexicais proparoxítonos em paroxítonos (chácara >chacra, árvore>arvri). Toma-se por hipótese que o comportamento sistema vocálico átono e a regularização dos proparoxítonos em paroxítonos têm de ser considerados em função do grau de contato entre o Português e o Forro, línguas que coexistem – mas faladas em proporções distintas – na Ilha de São Tomé, local de recolha dos inquiridos que servem de base para a investigação. Para a análise, recorreu-se às entrevistas, de perfil sociolinguístico, realizadas em 2009 e reunidas pelo corpus VARPOR, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Com apoio do instrumental teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança, os dados recolhidos são analisados em busca dos condicionamentos linguísticos e sociais que atuam na regularização das variantes do sistema postônico não final e na aplicação da regra de apagamento da vogal postônica. Os resultados preliminares indicam que sistema vocálico postônico não final da variedade são tomense se assemelha ao que observou Camara Jr. (1970) para o Português Brasileiro: um sistema composto por quatro segmentos - /a, E, i, U/ -, com neutralização entre as vogais média a alta da série posterior (monót[Y]na, ép[Y]ca). Quanto à redução dos vocábulos proparoxítonos ao padrão acentual paroxítono, verifica-se que é um processo bastante frequente (34.7%), condicionado por fatores fonético-fonológicos (natureza do segmento precedente e estrutura da sílaba tônica), morfológicos (classe gramatical do item) e a escolaridade do indivíduo. A frequência considerável de apagamento pode estar associada ao processo de formação do Português de São Tomé e sua relação com o Forro, língua em que a tendência geral é a de apagamento de segmentos, em favor da regularização dos vocábulos a sequências dissilábicas (Ferraz, 1979: 38).

Substrate Influence and Twentieth-Century Decreolization in the Portuguese Creole of Macau

Robert Laub
SOAS

The Portuguese-lexified creole of Macau, Makista, gives an interesting look at the way more than one substrate can influence a creole, as well as the effects of decreolization. While spoken in a Cantonese-speaking area of China, Makista is closely related to the creole of Malacca (Kristang), with Malay as the main substrate. Due to this, the Malay influence on Makista is strong, in some ways more than Cantonese. Unlike Kristang in Malacca, which ended up under occupation of non-Lusophone nations, Macau was under Portuguese control until 1999, with Portuguese still an official language today. This led to decreolization (Arana-Ward 1977, Smith 2012). The source of the data for this paper is work by José dos Santos Ferreira (1973, 1983, 1990), a Macanese poet and playwright. This data provides a good look into Makista as perceived by this speaker, and whose language continues to influence modern-day plays in the language.

One feature I explored was the use of genitive in Makista. The usage patterns of genitive in Luso-Asian creoles attracted the attention of scholars as far back as Schuchardt (1889) and as recently as Baxter and Bastos (2012). There are two types: the post-nominal genitive, which features a possessive particle after the possessor (1), and pre-nominal, which has a similar structure to Portuguese (2).

- | | |
|--|--------------------------------------|
| 1. | 2. |
| china- sua sampan | quarto di capitám |
| Chinese people GEN <i>sampan</i> | room of captain |
| “Chinese people’s boats” (Ferreira 1973) | “The captain’s room” (Ferreira 1973) |
| (GEN = genitive particle) | |

Baxter and Bastos (2012) noted that the post-nominal is preferred for more inalienable possessors in Kristang. The Makista data overwhelmingly featured pre-nominal genitive, suggesting decreolization, rather than proximity with the substrate.

The second structure studied was reduplication (Ansaldo and Matthews 2004). My study took a quantitative look at the patterns of reduplication based on lexical categories, and compared them with Cantonese and Malay, which both use reduplication. The heavy usage of nominal reduplication in the data (63% of tokens) and its usage as optional pluralization, suggested that Macanese reduplication patterns resemble those of Malay more so than Cantonese (Uzawa 2012, Nian et al 2012).

This paper’s aim was to take a deeper look into Makista, as much of the previous literature that took Makista into account was usually part of a larger study of Luso-Asian Creoles, especially Kristang (Cardoso, Baxter, Nunes 2012). It also aims to address some theories of decreolization (Siegel 2010) on the case of Makista.

La filiación hispánica del marcador TMA *asé* en palenquero

Miguel Gutiérrez Maté

Friedrich Alexander Universität Erlangen-Nürnberg

En mi comunicación me centraré en la filiación hispánica del marcador de TMA con valor habitual/iterativo *asé* en palenquero (*ma karrito asé pasá trankilamente* ‘los carritos pasan tranquilamente’), el cual, generalmente, se ha hecho derivar formalmente del español *hacer* (Bickerton & Escalante 1970; Friedemann & Patiño Roselli 1983: 118; Schwegler, c. p.) y cuya opcionalidad, esto es, su alternancia con Ø, aún no ha sido explicada definitivamente (Schwegler 2013: 187-188), a pesar del meritorio estudio variacionista de Smith (2013).

Examinaré el elemento común de los usos verbales con significado de presente habitual que no emplean el marcador TMA (con la sospecha de que sean estos contextos los únicos no afectados por una posible extensión de usos de *asé* en algún punto de la historia del palenquero) y presentaré las diferencias informativo-estructurales que subyacen a la variación entre Ø y *asé*. Para ello, se partirá de dos premisas: (1) los verbos con la semántica de HACER son característicos de construcciones focalizadoras veritativas o contrastivas en muchas lenguas naturales (ing. *I never like to go there, but I do go once in a while*), incluyendo el español (sobre todo, en oraciones pseudo-hendidadas donde *hacer* actúa como “pro-verbo”: *Lo que Juan hace es comer demasiado*, entendida como *predicate clefting*, esto es, como variante de *Juan come demasiado*, añadiendo énfasis contrastivo al VP) y (2) el palenquero carece (probablemente, por ser una construcción imposible en su lengua fundamental de sustrato, el kikongo: Schwegler 2011) de las construcciones de *verb doubling*, tan habituales en otros criollos para focalización del verbo o de todo un predicado (criollo de Martinica: *Achté man achté-y* ‘sí que lo compré’ / ‘lo que hice fue comprarlo’).

El corpus empleado son las entrevistas realizadas *in situ* por el Prof. Schwegler entre 1985 y 1988, materiales en cuya digitalización, etiquetado y análisis lingüístico he trabajado recientemente y que dan cuenta del llamado *Traditional Palenquero* (por oposición a las variedades L2 de palenquero surgidas más recientemente como efecto de los programas locales de *etnoeducación*: vid. Lipski 2012 para una revisión de algunas diferencias estructurales). De igual modo, atenderé, a partir del corpus adjunto a Gutiérrez Maté (2013), a diversos textos escritos en Colombia durante los siglos XVII-XVIII (período formativo del palenquero) para discutir sobre algunos usos ‘no canónicos’ del verbo *hacer* en la historia del español del Caribe.

Variação entonacional na variedade Kalunga – uma análise fonológica do contorno nuclear

Ana Paulla Braga Mattos
Aarhus University

Este trabalho investiga variação entonacional na variedade Kalunga em comparação com outras variedades vernaculares do Português do Brasil (PB), principalmente com variedades de áreas rurais das regiões próximas à comunidade Kalunga. O foco deste estudo é analisar fonologicamente as formas de contorno nuclear em enunciados declarativos na variedade Kalunga e comparar essas formas com outras variedades vernaculares, a fim de verificar diferenças e semelhanças quanto à pragmática.

Estudos preliminares demonstram alguns padrões de variação no contorno nuclear de variedades do PB em situações pragmáticas similares, como contorno descendente com diferenças fonéticas entre variedades em enunciados declarativos (Silva e Frota 2015). Observações preliminares, contudo, indicam que similar padrão fonológico de variação leva a diferenças pragmáticas na variedade Kalunga.

Kalunga é uma comunidade Afro-Brasileira reconhecida pelo governo brasileiro como o maior território remanescente quilombola do Brasil. Algumas áreas da comunidade, como Vão de Almas e Vão dos Moleques, têm acesso muito limitado, não têm sistema de água encanada e saneamento, e não dispõem de energia elétrica. Além disso, utilizam a agricultura de subsistência. A variedade Kalunga apresenta algumas características linguísticas (morfofossintaxe e léxico) diferentes das variedades rurais das regiões próximas e algumas características semelhantes às variedades do Português Afro-Brasileiro falado na Bahia, por exemplo (para mais informações sobre a variedade Kalunga, ver Mattos 2016). Não há estudo ainda sobre características prosódicas na variedade Kalunga.

A investigação prosódica neste estudo baseia-se em um corpus de fala de 12 entrevistados, totalizando 15 horas de entrevistas sociolinguísticas. Seis participantes (três mulheres e três homens) são da comunidade Kalunga e seis (três mulheres e três homens) são de regiões rurais das áreas de São João D'Aliança e Cavalcante, em Goiás. Todos os participantes têm acima de 45 anos. As sentenças usadas para análise são declarativas simples. A segmentação e as medidas de duração são feitas utilizando o programa computacional PRAAT. Para análise dos dados, é utilizado o sistema de anotação P-ToBI (Frota 2014).

Em trabalhos como Clements (2009), Sessarego (2016) e Pérez-Inofuentes (a sair), têm-se mostrado a importância e a carência de estudos em prosódia nas variedades de contato. Este estudo, portanto, é significativo nesse campo e também no campo na dialetologia, por se tratar também de estudo descritivo de diferentes dialetos do Português Brasileiro.

Crioulo da ilha do Fogo – uma incursão por uma variedade singular da Língua Cabo-verdiana

Karina Moreira, Nicolas Quint
INALCO / LLACAN

Dados avançados por Veiga 1982, Quint 2000 e Lopes 2014, bem como ocorrências sinalizadas por Nicolas Quint nas recolhas para o Atlas linguístico de Cabo Verde, em preparação, e as análises preliminares do presente estudo, apontam para a existência de traços singulares no crioulo falado na ilha do Fogo.

É o caso do emprego da partícula aspecto-modal de actual "dja" - (correspondente ao 'perfect' do inglês 'perfect') que nesta variedade pode aparecer depois do pronome pessoal sujeito: (Lang, J. et al. 2014: 69)

Fogo

<i>Taki</i>	<i>Bu</i>	<i>Dja</i>	<i>Andâ</i>	<i>mas</i>	<i>un-s</i>	<i>dês</i>	<i>metru-s</i>
conj.sub	S.2SG	ACT	andar.ACC	Adv	art.indf-pl	Num	meter-pl

'Até que tenhas avançado cerca de dez metros...'

Em Santiaguense (ST), e em São-vincentino (SV), bem como em todas as restantes variedades do cabo-verdiano, as partículas correspondentes aparecem sempre depois do pronome pessoal (cf. *dja bu* e *já bo*):

ST *Tóki dja bu ánda más uns des métru...*

SV. *Kónd já bo andá mas uns dés métr...*

Fogo foi a segunda ilha a ser povoada, conforme relatam os dados históricos (Albuquerque & Madeira 1991, Silva 1996 e Carreira 1972). Portanto, assim como Santiago, terá sido um pólo primário de crioulição em Cabo Verde.

Dados do Foguense poderão trazer uma nova perspectiva aos trabalhos comparativos que opõem o crioulo cabo-verdiano aos do continente, nos quais utilizam-se predominantemente realizações do Santiaguense e do São-vicentino.

O uso de *kunsa*, verbo auxiliar em Santiaguense (com o valor de 'fazer logo a seguir outra acção'), como verbo principal (com o sentido de 'começar') no Foguense, assim como acontece nos crioulos de Casamança (*kumsá*) e Guiné-Bissau (*kunsa*) (Scantamburlo 2002: 318) e a dicotomia *midju gros/midju miodu* (< Port. *miúdo*) em Santiaguense e *midju gros/midju delgadu*¹ (< Port. *delgado*), nos crioulos do Fogo e da Casamança (cf. Quint em preparação;

¹ Designação que opõe os grãos de milho (*midju*) inteiros (*grós*) aos que se partem no processo do pilão (*miodu/delgádu*).

Biagui, em preparação) são apenas algumas ocorrências que aproximam o Fogueuse dos crioulos do continente, distanciando-a da variedade vizinha da ilha de Santiago.

Nesta comunicação, apresentaremos, numa perspectiva funcionalista, com recurso aos conceitos da Basic Linguistic Theory (Dixon 2010) ocorrências fonéticas, sintáticas e morfológicas que isolam o Fogueuse no contexto da língua cabo-verdiana, apresentando ainda traços que o aproximam dos crioulos do continente.

**Variedades de português em cotejo:
o caso das construções [declarativas] *onde é que***

Márcia Santos Duarte de Oliveira
Universidade de São Paulo/CNPq

Carlos Filipe Guimarães Figueiredo
Universidade de Macau

Francisco João Lopes
Universidade de São Paulo/CAPES

Este estudo centra-se em construções-Q [declarativas] que envolvem análises ligadas a estruturas sintáticas relativas e clivadas. Por meio dos dados apresentados, alarga-se o conjunto do *corpus* em variedades de português que atestam o que, segundo Alexandre (2006: 109), pode ser considerado “[...] *uma estratégia relativa, emergente e rara, que poderá ser apelidada de ‘relativa focalizada’ [...]*”. O fenômeno apelidado ‘relativa focalizada’ foi apresentado por Alexandre (op cit.) com dados do português brasileiro e retomado neste trabalho com dados do português vernacular brasileiro (doravante, PVB). Gonçalves (2015), abordando o tema, apresenta exemplos do português de São Tomé (doravante, PST), que surgem também no português de Angola, em dados apontados por Figueiredo & Santos (2014) no seu trabalho sobre construções [FOC + QUE] da variedade de português falado no Libolo, Angola (doravante, PLB). Na presente investigação, apresentam-se dados desta variedade e introduzem-se dados de outra variedade do português, o falado em Almojarife (São Tomé e Príncipe – doravante, PALM), evidenciando-se construções [declarativas] com morfema ‘*onde*’ ligado aos morfemas ‘*é que*’ como se observam nos exemplos (1)-(4) a seguir:

PLB – espólio do ‘Projeto Libolo’:

(1) ... *ficô... é [onde] que tô vir que fareceu minha mulhê*

PALM:

(2) *Dificuldade é [onde] que essas zona tem rocha*

PST – Gonçalves (2015: p. 9, dado renumerado)

(3) *Esse centro é [onde] que vai encontrar toda a família*

PVB:

(4) *Não sei é [onde] que ‘cê botou esse livro, viu!*

Alexandre (2006: 108, nota 6), referindo-se ao fenômeno 'relativas focalizadas', afirma que sentenças envolvendo dados como os de (1)-(4) mereceria “[...] *uma maior atenção no futuro [...]*” pois podem envolver, segundo a autora (op cit.), “[...] *factores de natureza vária e não serem verdadeiras construções relativas.*” Seguindo nessa direção, ratificamos a proposta de que construções [declarativas] com morfema ‘onde’ ligado aos morfemas ‘é que’ não são orações relativas (focalizadas) mas sim construções que marcam a categoria discursiva foco. Logo, corrobora-se o estudo de Oliveira, Zanoli & Andrade (2016), que apresenta uma análise de base sintática-fonológica centrada em dados como o evidenciado em (1) no PLB. Para os autores (op cit.), sentenças como (1) no PLB diferenciam-se claramente de estruturas relativas e a argumentação fundamenta-se em cotejo prosódico entre sentenças relativas e clivadas nessa variedade. Assim, o padrão prosódico de sentenças como (1) é diferente do de relativas, o que pode evidenciar, em futuros trabalhos, que construções como (2)-(4) também apresentem padrões prosódicos distintos dos das relativas nestas variedades.

From Príncipe to Potosí – Afro-Iberian contact varieties compared

Danae M. Perez
University of Bremen

The origins and typological classification of Afro-Yungueño Spanish (AY), a considerably restructured but vanishing variety of Spanish spoken by the small Afro-Bolivian community, have not yet been conclusively determined. Sessarego (2014) claims that AY is a dialect of Spanish, while Lipski (2008) and Perez (2015) hold that AY is rather akin to creoles and likely to stem from a contact language. Lipski (2008: 183) compares a number of features commonly found in Iberoromance creole varieties, such as the simplification of the NP and VP, and concludes that “on the creole ‘thermometer’, [AY] falls just below Cape Verde *crioulo*”. A recent study, which compares Afro-Hispanic varieties on the basis of 72 features common in creole typology as well as in Hispanic dialectology in a phylogenetic network, shows that when more basilectal data are taken into account, such as those provided by Lipski (2008) and particularly by Perez (2015), AY seems to align with the Spanish-lexified creoles, rather than with post-colonial dialects of Spanish (Perez *et al.* fc.). Nevertheless, Cape Verde *crioulo*, as suggested by Lipski, was not part of the comparison, which calls for more comparative research in order to establish the position of AY among Afro-Iberian contact varieties.

The present paper therefore sets out to expand the previous comparative study by comparing AY to a number of other Afro-Iberian contact varieties. In a phylogenetic network, I will first compare basilectal AY with other contact varieties of Spanish and then with certain Portuguese-based contact languages, such as the Portuguese-lexified creoles spoken in Casamance (Biagui 2012), Cape Verde (e.g. Lang 2013), and Príncipe (Maurer 2009), according to the *apics* online database (Michaelis et al. 2013). The aim is to shed new light on the overall picture of the typological relatedness between Afro-Iberian contact varieties and their still underresearched sister variety in the Bolivian highlands, and to discuss structural similarities and differences between them.

The vowels /e/ and /ɛ/ in Malacca Portuguese Creole

Stefanie Pillai

University of Malaya

Siti Raihan Rosli

University of Malaya

Adriana Philip

University of Malaya

Wan Aslynn Salwani Wan Ahmad

International Islamic University of Malaysia

Roshidah Hassan

University of Malaya

Previous work on the vowel system of Malacca Portuguese Creole (MPC), also known as Papiá Cristang, has indicated that apart from six monophthong vowels, /i/, /e/, /a/, /ə/, /u/ and /o/, the vowels /ɛ/ and /ɔ/ also occur. However, these studies have been inconclusive about the status of these vowels (see Pillai, Chan & Baxter, 2015). Hancock (2009), for example, suggests that /e/ and /ɛ/ contrast only in two words, while Baxter (1988) suggests that the use of these vowels are not systematic, contrasting only before /t/, /s/ and /z/. However, there is no empirical evidence to show if these vowels phonemically contrast. In this presentation, we will focus on /e/ and /ɛ/, and present findings we derived from acoustic and phonological analysis of these vowels. Our study had two main objectives: (1) The extent to which there was a difference in the vowel quality of these two vowels based on their first and second formant measurements; (2) Their phonological status in MPC (i.e. e.g. if they are in contrastive or complementary distribution). Five female native speakers of MPC with an average age of 43 were audio recorded at the Portuguese Settlement in Malacca, Malaysia, where they reside. Recordings of 668 words containing /e/ and /ɛ/ based on two MPC dictionaries (Baxter & de Silva, 2004; Scully & Zuzarte, 2004), and from Singho et al. (2016) were orthographically transcribed and annotated using Praat, version Version 6.0.23 (Boersma & Weenik, 2016). The first (F1) and second formants (F2) of the vowels were then measured in Hz and converted into a Bark scale (Zwicker & Terhardt, 1980), and analyzed based on the Formant Frequency Model. The average values of the vowels were plotted into F1/F2 vowel charts (Hayward 2000), and scatter plots were generated where appropriate. Significant differences ($p < .0001$) were found between the F1 and also the F2 values of /e/ and /ɛ/, suggesting that they are acoustically distinct. We are currently examining the distribution of these vowels in the words they occurred to determine their phonological status, and will report the findings in our presentation. The findings from this study contribute towards our understanding of the sound system of MPC, as well as aid in its revitalization efforts.

From acrolect Makista to L1 Vernacular Macau Portuguese: TMA markings

Mário Pinharanda-Nunes

University of Macau

Ana Margarida Silva

University of Porto

Descriptions of Makista TMA markings (Arana-Ward 1997; Batalha 1958; Santos Ferreira 1967; Pinharanda Nunes *et al* 2004 & 2012) provide evidence of co-existing lects within a ‘complex variation continuum’ (Baptista, 2005: 226). This is to be expected given the diachronic diglossic context of exposure to, and use of, Makista and Portuguese among this speech community in Macau. A synchronic cut through the Makista TMA paradigm of its last L1 speakers (Arana-Ward *op.cit.*; Pinharanda Nunes *op.cit.*) reveal the following TMA marking variation pattern:

- a) AspM. + V - Standard derived infinitive
- b) \emptyset + V - Standard derived infinitive
- c) *AspM* + V - Standard verb marking
- d) \emptyset + V - Standard verb marking

This paper investigates the marking paradigm for TMA among L1 speakers of Portuguese by Macanese non-Makista speakers in Macau. The aim is to assess possible transfer from the acrolect to the L1 Portuguese spoken by members of the Makista heritage community, in Macau. For the sake of methodological consistency our study compares two oral corpora - Pinharanda Nunes 2011 (Makista) and Silva 2016/ 2017 (L1 Portuguese of Macanese non-Makista speakers), both collected through semi-structured sociolinguistic interviews. The relevant data was analyzed quantitatively using GOLDVARB.

Overall the Silva 2016 corpus reveals a considerable extension of the use of standard European Portuguese TMA markings by the Macanese L1 speakers of Portuguese, albeit, not exerting a complete cut with the preceding acrolect continuum. Thus, this study contributes to research on L1 and L2 acquisition in general, and specifically of the lexifier by ‘(post)-creole’ speaking communities. It also aims to contribute to the discussion of the existence of a vernacular Macau Portuguese (VMP) variety.

GD2: towards a typology of complex sentences in Creole and Pidgin languages

Nicolas Quint

LLACAN – CNRS/INALCO/Université Sorbonne Paris Cité

Eliane Vieira Semedo

LLACAN – CNRS/INALCO/Université Sorbonne Paris Cité, Universidade Federal do Ceará

Stefano Manfredi

SeDyL/CNRS/INALCO/IRD

Since the beginning of 2016, several specialists of Creole and Pidgin (CP) languages have begun to work together in order to build a database specifically devoted to the typological and comparative study of complex sentences in Creole languages, within the scope of the project GD2 (<http://llacan.vjf.cnrs.fr/labexGD2/>), funded by the Labex EFL (Empirical Foundations of Linguistics, <http://www.labex-efl.org/?q=en/home>).

As a matter of fact, in many Creoles and Pidgins, complex sentences are less often studied than other domains of those languages, and still more rarely within a typological perspective. In this talk, we will first discuss the question of complex sentences in general (with special reference to typological studies such as Haspelmath 2004, Cristofaro 2005, Caron 2008) and the problems specifically raised by Creole languages regarding this question (such as the question of the grammaticalization paths leading to the appearance of conjunctions, e.g. *(ku)ma* 'complementizer of declarative verbs' in both Capeverdean and Casamance Creole < Renaissance Portuguese *coma* 'as, like' X Manding *kuma* 'word, speech'). Secondly, we will present the project, its participants and the languages involved (including several Portuguese-based Creoles). Thirdly, we will show excerpts of the comparative, typological database we are presently building, basing ourselves on examples taken from Portuguese-based Creoles. We will then conclude about the possible advantages and future developments of the GD2 project and how this project could benefit from the input of more specialists of Creole and Pidgin languages, and in particular of Iberian-based varieties.

Variable features in a Colombian contact lect: locating Chocoano on a cline of creolization

Eliot Raynor

Indiana University

This paper provides a comparative analysis of linguistic characteristics – among them, reflexive verbs, gender/number agreement, and negation – in two speech varieties spoken in the Colombian departments of Antioquia and Chocó in order to shed light on the status of Chocoano², a contact lect associated with communities of predominantly African descendants along the northern Pacific coast. While Chocoano is often treated as a regional dialect of Spanish, several non-

² I have chosen the term Chocoano as opposed to the more commonly used Chocó Spanish because the latter explicitly suggests that this variety should be considered a dialect of Spanish. Because the status of this variety is widely debated, for the purposes of this discussion I simply employ the demonym used within Colombia.

standard features have been identified in previous studies on the variety (Florez 1950; Montes 1974; Granda 1977; Schwegler 1991; Ruiz Garcia 2000; Sessarego 2016), leading to varied proposals about its origins and status, ranging from a semi-creole or decreolized variety to a vernacular dialect with some features resulting from adult second-language acquisition.

McWhorter's (1995, 2000) efforts to explain the lack of true Spanish-based creoles depend crucially on Chocoano as negative evidence in favor of his Afrogenesis hypothesis and against theories of creole genesis based upon the concept of limited access. Among other features, Schwegler (1991) points to (1) (non-)reflexive constructions, (2) lack of gender/number agreement in NP and VP, and (3) non-canonical negation strategies as below to suggest that his Chocoano informants show vestiges of an earlier creole whose present state may be derived from a gradual process of decreolization.

- (1) **Llamaba** Juan Felipe. (Schwegler 1991: 111)
Called Juan Felipe
'His name was Juan Felipe.'
- (2) **Esa** gente **son** muy **amoroso**. (99)
That-FEM people are-PL very loving-MASC
'Those people are very loving.'
- (3) Yo **no** los vi nunca **no**. (99)
I NEG them saw never NEG
'I don't know.'

Most recently, Sessarego (2016) has argued against external factors shaping Chocoano speech in any significant way, citing processes of adult second language acquisition to account for occasional lack of gender/number agreement, and suggesting that Jespersen's cycle may explain the presence of pre- and post-verbal negation strategies.

While constructions like (1) have been likened to Palenquero and *bozal* Spanish (Ruiz Garcia 2000: 84-85), the current study demonstrates analogous structures in the *Corpus Sociolingüístico de Medellín* (PRESEEA 2014), casting doubt upon this feature as representative of a semi- or post-creole. I argue that the features in (2) and (3), however, are representative of partial restructuring due to incomplete acquisition of the target Spanish variety and substrate transfer, respectively.

**Is Portuguese replacing Bantu languages? A study of language use
in an on-going (urban) language shift scenario in Maputo, Mozambique**

Torun Reite
Stockholm University

Since independence in 1975, Mozambique has adopted a language policy that maintains the hegemonic position of Portuguese as the dominant language in public administration, in the judiciary and in the education system. The expansion of access to education has accelerated the diffusion of Portuguese and population census data from the capital Maputo point to a rapidly on-going language shift from Xichangana and Xironga to Portuguese and that Portuguese is entering into domestic settings. In this study population census data from 1980, 1997 and 2007 combined with surveys and linguistic dairies are used to investigate whether there is evidence of a language shift to Portuguese in the sense that Portuguese is replacing Xichangana and Xironga as the home language. The census data show an expansion of Portuguese as a home language from 10% in 1980 to 43% in 2007 at a time when 90% of the inhabitants in Maputo declared to be Portuguese speakers. However, the data show patterns of spatial variation and taking the entire linguistic repertoire into consideration, language use reporting from the census, surveys and linguistic dairies also show increased use of Xichangana in some settings. The post independence period under review is therefore first and foremost associated with greater bilingualism and a broadening of the linguistic repertoire rather than replacement of Xichangana and Xironga by Portuguese. Greater porosity of linguistic spatial boundaries is also observed.

**Portuguese and the Indian languages – linguistic influences
in Portuguese beyond the creoles?**

Tabea Salzmann
University of Bremen

This project considers the historic sociolinguistic contact situation between Portuguese and Indian languages (specifically Gujarati, Marathi and Konkani), focussing on possible language change phenomena in Portuguese – a field which, other than creoles (Cardoso 2009, Baxter 2012, Clements 2009) – is widely neglected to date. To this end, I would like to present my current investigation, conducted at the University of Bremen.

Considering the prolonged colonial contact between Portugal and India, 450 years altogether with a peak period of 150 years, linguistic contact must have had a deep impact – the Portuguese based creoles are one proof. Nevertheless, in Portuguese itself little of this contact seems to remain, other than a few lexical items. Taking into account that the transition between old and new Portuguese at the beginning of the 16th century falls into the main period of contact with India, and that both sides endeavoured to learn the languages (grammars for foreigners, missionaries; Schäfer-Prieß 2000), I hypothesize that contact between Portuguese and the Indian languages most probably had further influences on the Portuguese language.

I explicitly assume that contact, and therefore language contact, is always at least bidirectional, even if obvious inequality (in prestige, numbers of speakers etc.) between the centre and the periphery exists, and always multicausal (Ludwig & Mühlhäusler & Pagel 2017).

I also assume that there are different types of influences: influences of short duration, which tend to be situationally conditioned and are therefore found in informal, everyday situations of direct contact, but not beyond these; temporally limited influences connected to the contact situation itself, which are lost once strong contact subsides; and influences which extend beyond the colonial context and therefore continue.

I limit my investigation to the 16th and 17th centuries, covering documents (mostly in Portuguese archives) from the main period of contact. Official communication can deliver insight into specific areas of vocabulary but does not, due to its specific form, give insight into other linguistic areas of possible change. Therefore I shall analyse semi-private and private documentation and communication in the hope of finding further information towards (dis-)proving my hypotheses.

The project will also take a look at language policy, in particular in the 16th century. This should improve our understanding, and shed light on the history of early modern Portuguese.

The multifunctionality of Papiamentu *pa* and its similarities with Brazilian Vernacular Portuguese

Marco Schaumloeffel
University of the West Indies – Barbados

The Papiamentu (PA) lexical item *pa* can cover several functions, operating as preposition, mood marker and complementizer. Its functions actually clearly exceed those of its equivalent Portuguese lexical item *para*, not only covering the semantic load of *para*, but also that of *por* and *a*. An equivalent multifunctionality for this lexical item can also be found in other Portuguese-based creole languages like the Upper Guinea Portuguese Creoles (cf. Jacobs, *Origins of a Creole*) and the Asian Portuguese creole Papiá Kristang. When analysing the PA lexical item *pa*, Lefebvre and Therrien (*On the properties of Papiamentu pa: Synchronic and diachronic perspectives*, 2007) establish that it can perform fifteen different functions. Out of those, they only find five that have an equivalent realisation in current standard Portuguese. Lefebvre and Therrien believe that PA *pa* is derived from Portuguese *para*, and that its other properties would be derived from corresponding lexical entries in the PA substrate languages, more specifically from the properties of the Fongbe preposition and complementizer *nú*, and the mood marker and complementizer *ní*. However, when Brazilian Portuguese, and especially Brazilian Vernacular Portuguese (BVP) is considered, the degree of equivalence with the PA functions of *pa* changes dramatically. The aims of this presentation are to show the high degree of similarity that exists between PA and BVP when it comes to the functions of PA *pa*, and to make considerations as to why this sharp discrepancy exists if compared to the results found by Lefebvre and Therrien for current standard PT. Apart from that, the secondary aim is to ponder why this multifunctionality and equivalence in some functions can also be found in Papiá

Kristang, a Portuguese-based creole from another branch that is knowingly not directly related to PA or to the West African Portuguese-based creoles.

Cláusulas completivas em língua cabo-verdiana: estudo baseado em *corpus*

Eliane Vieira Semedo
LLACAN/CNRS/INALCO e UFC

Nicolas Quint
LLACAN/CNRS

A subordinação em LCV é um tema ainda relativamente pouco estudado. Podemos encontrar algumas descrições desse fenômeno em trabalhos, como Veiga (2000; 2002) e Quint (2000; 2008; 2010), ou no que diz respeito às relativas Alexandre (2009a; 2009b). Contudo, a maioria desses estudos levam em consideração somente os aspectos formais. Além desses, há também um artigo de Lang (2013) sobre o funcionamento do complementizador “*ma*”. Nosso objetivo é fornecer uma análise da subordinação, baseada nos pressupostos teóricos do funcionalismo, considerando não apenas os aspectos formais, mas também os aspectos semânticos, os quais são também determinantes para uma abordagem que considera a língua em situações reais de uso como objeto de análise. Cristofaro (2003: 99) defende que a semântica do predicado tem um papel determinante na semântica geral do estado de coisas principal. Assim, “o estado de coisa dependente transmite uma especificação necessária requerida pelo estado de coisa principal” (Op. cit.), e é a semântica desse estado de coisa principal que estabelece o tipo de especificação requerida. Assim, nos propomos a analisar as restrições sintático-semânticas para a seleção dos complementizadores, observando a relação estabelecida pelo tipo semântico do predicado matriz e o complementizador ou a ausência dele. Seguimos a classificação de Noonan (1985 *apud* Cristofaro 2003: 99) dos predicados matrizes, denomidamente: *modal, fasal, manipulativo, desiderativo, de percepção, de conhecimento, de atitude proposicional e de elocução, etc.* Além disso, analisamos o grau de integração entre as cláusulas, seguindo um contínuo que vai da relação de não-dependência à máxima integração, de acordo com os parâmetros propostos por Lehmann (1988), a saber: 1) rebaixamento hierárquico da cláusula subordinada; 2) nível sintático; 3) dessentencialização; 4) gramaticalização do verbo principal; 5) entrelaçamento; 6) explicitude da articulação. A amostra utilizada constitui-se de duas narrativas orais espontâneas do crioulo de Santiago, proferidas por falantes do interior da ilha de Santiago, tratando-se, portanto, de uma variedade bastante basilectal. Os resultados preliminares dessa pesquisa mostram que a semântica do predicado principal seleciona e restringe o emprego ou não de complementizadores. Por exemplo, 67% das completivas com verbo matriz *fla* ‘dizer’ têm marca zero de complementizador, já o verbo *kre* ‘querer’ só ocorre com o complementizador *pa*. Em relação ao nível integracional, as completivas aproximam-se mais do pólo de compressão que do pólo de elaboração, ou seja, encaixam-se na tipologia das cláusulas mais integradas. Esses pontos serão desenvolvidos e ilustrados através de vários exemplos provindos do nosso *corpus*.

Sobre la ortografía del chabacano zamboanguense: dilemas, retos y propuestas

Eduardo Tobar
Universidade de Vigo

A pesar de la relativa vitalidad del chabacano zamboanguense, no existen convenciones ortográficas estables para su escritura ni apenas textos disponibles publicados en esta lengua (Macasantos 2014). En este sentido, Lipski (2012: 470) afirma que «the only available written materials are occasional pamphlets for tourists and the grammar and phrase book of Camins (1999) given to visitors at the Zamboanga City Hall [...]». Esta situación que autores como Lüpke (2011) denominan exografía y la falta de normativización conllevan una serie de dilemas técnicos y sobre todo ideológicos (Bartens 2001; Sippola 2016) para los hablantes y para los lingüistas en ámbitos como la planificación lingüística o la educación en lengua materna. En todo caso, es importante señalar que recientemente han ido surgiendo en Zamboanga algunas iniciativas institucionales que pretenden dar respuestas locales a estas inquietudes en torno a la escritura en zamboanguense. Aunque los esfuerzos llevados a cabo hasta el momento no parecen haber dado aún resultados importantes, en conjunto, lograr consensuar una ortografía y respetarla es visto por muchos zamboanguenses como un objetivo importante tanto por su valor práctico como simbólico.

En esta sesión se presentarán en primer lugar algunos de los problemas principales a los que se han enfrentado las iniciativas de normativización tales como la elección de un enfoque etimológico o fonético, la indecisión respecto al propio glotónimo o el distinto acomodo ortográfico según el origen inglés, español o filipino de un término. Para lograr nuestro objetivo partiremos de las relevantes consideraciones y la bibliografía que encontramos en Sippola (2016), aportaremos algunas muestras de actitudes lingüísticas significativas procedentes de redes sociales y presentaremos algunas de las principales conclusiones de iniciativas institucionales recientes tales como el *Chavacano Orthography Congress* de 2014 o la *Segunda Conferencia Nacional del Lenguaje Chabacano* de 2015. Además haremos referencia a algunas publicaciones trascendentes como el documento *Revised Zamboanga Chavacano Orthography* de 2016, material educativo que complementa el manual *Aprende Kita Chavacano Libro 1-3* utilizado en el programa Mother Tongue Based-Multilingual Education and Literacy Act.

En una segunda parte se analizarán y contextualizarán las variaciones ortográficas más comunes en los textos escritos disponibles y se contrastarán las distintas propuestas de normativización que han ido surgiendo en los últimos años en Zamboanga. En suma, pretendemos mostrar una visión de conjunto de las inquietudes e iniciativas actuales alrededor de la ortografía del chabacano zamboanguense y de las posibles tendencias futuras.